

O território como conceito e prática social

Jorge Luiz Barbosa

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência. Milton Santos

A citação que inaugura este artigo é uma homenagem ao seu autor e, ao mesmo tempo, uma referência maior para o debate do território como conceito e prática social. Milton Santos nos ensinou a compreender o território como aquilo que nos pertence. E, como espaço demarcado da história humana, o território é também o recorte de mundo ao qual pertencemos como experiência real e concreta das relações em que estamos imersos. Marcamos, guardamos e habitamos um território, mesmo que suas fronteiras sejam difusas e voláteis. Afinal, como recurso e abrigo das relações humanas, o território não é estático ou impermeável às transformações econômicas, técnicas, políticas e culturais da sociedade.

O processo dinâmico e complexo de configuração do território, embora próprio aos sujeitos em ação, nos remete a acontecimentos que reúnem o perto e o longe, configurando uma encruzilhada de encontros. Nesse sentido, podemos afirmar que a existência em sociedade, em suas diferentes faces, é sempre uma coexistência, inclusive fazendo presente aquilo que consideramos ausente, ou não imediatamente visível.

De fato, há acontecimentos que abrigam posições e normativas de comando de uma ordem distante, muitas vezes oculta e desconhecida, assim como indiferente aos impactos que provoca, em um jogo de tensões com a ordem próxima, cotidiana, do mundo da vida. Entretanto, como ensina Milton Santos, é no território que tudo se junta, todas as forças e fraquezas, todas as virtudes e perversidades; enfim, todas as ações que envolvem as pessoas, as instituições, as empresas.

O território é, portanto, potência e ato que exprime materialidades e exterioriza intencionalidades. Então, podemos falar do território como dimensão prático-simbólica das relações sociais. Na verdade, queremos colocar uma concepção de território que supere as ideias recorrentes de matriz jurídico-administrativa que concebem o território como unidade capaz de ser medida e delimitada por meio de normas, regras ou regulações institucionais, ou meramente no âmbito da produção/consumo sob a égide da

acumulação mercantil. O território não pode ser assim tratado, como um mero objeto regulado, controlado e, sobretudo, expropriado de seus múltiplos significados e de sua pluralidade de existências sociais.

Para superar concepções conservadoras e práticas discricionárias precisamos retomar a provocação de Milton Santos, sobretudo quando o autor afirma que o território como conceito puro e abstrato nada significa, uma vez o que nos deve interessar é o território usado. Afigura-se um conceito de território com um conjunto indissociável de práticas sociais - econômicas, políticas, culturais, ideológicas - que se revela como escrita de sujeitos e impressão de objetos no chão de nossas existências. É assim que contradições, conflitos e disputas ganham visibilidade. E, é claro, onde as relações de solidariedade, amizade e confiança também marcam sua insistente presença.

Quando elegemos o uso como elemento de entendimento do território convocamos os sujeitos da ação em suas existências. Estamos mergulhando homens e mulheres no tecido complexo da sociedade que se exterioriza, portanto podendo ser vista, identificada e reconhecida por meio do exercício da crítica e da prática política.

É desnecessário afirmar que os territórios são regidos por forças hegemônicas visíveis e/ou ocultas, mas certamente são também possibilidades efetivas de desvendar as contradições dos regimes político-econômicos e se opor às desigualdades sociais. É também o território o campo de descoberta de si com o outro. E, com certeza, da cena de reconhecimento a nossa condição de humanidade no profundo respeito às diferenças de ser-no-mundo. Podemos afirmar que o território é um componente fundamental na construção de uma política de direitos plenos à cidadania.

Como experiência social indivisível, o território é um vir-a-ser de encontros generosos, inclusive o sugerido por Boaventura Santos: a ecologia de saberes. Ou seja, do encontro de saberes diferentes, que reconhecem suas possibilidades e limites, mas que não se anulam ou confrontam, porque significa uma tessitura de sujeitos portadores de concepções, percepções e vivências, sejam estes camponeses, pescadores, indígenas, moradores de favelas e periferias, quilombolas ou professores, técnicos e doutores com diplomas universitários. Estamos diante de uma epistemologia afirmativa do território. Justamente aquela que permite conjugar a nossa existência no mundo da vida em uma perspectiva transformadora do presente.

